

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



William Roslindo Paranhos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



William Roslindo Paranhos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História: espaços, poder, cultura e sociedade 3

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: William Roslindo Paranhos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade 3 /
Organizador William Roslindo Paranhos. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0038-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.387222503>

1. História. 2. Sociedade. I. Paranhos, William Roslindo
(Organizador). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” propõe uma discussão científica, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, em torno da análise de processos históricos da humanidade, por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus onze capítulos. O volume abordará, de maneira categorizada, textos acadêmicos que se caminham através de vários séculos, discutindo dispositivos que serviram, e ainda servem, como reguladores, normatizadores ou, até mesmo, como potencializadores do cenário social.

A riqueza desta publicação consiste, sobretudo, na interdisciplinaridade que, a todo instante, é valorizada nas produções, à começar pela pluralidade de campos do conhecimento que debatem, convergem e divergem acerca de conceitos teóricos e empíricos, pela representatividade de instituições de ensino e pesquisa de renome no país, por conta das diversas abordagens e metodologias utilizadas e, por fim, em virtude de escopos bastantes distintos, mas que buscam, em sua essência, investigar fenômenos sociais bastante próximos.

Por mais que o termo “história” nos leve, teimosamente, a pensar e refletir, tão somente, acerca de acontecimentos do passado, este livro nos convida a aprofundar nossa capacidade dialética e possibilitar que conceitos tidos como ortodoxos se tornem contemporâneos o bastante a fim de instrumentalizarem nossas análises e discussões sobre os tempos modernos. É o exercício de olhar para o passado, considerá-lo e criar, a partir dele, uma analogia com o contexto atual. As pessoas autoras provam que isso é possível, e eu diria, também, necessário.

Outro ponto bastante importante de ser destacado e valorizado neste volume é sua proposta em criar um repositório de conhecimento onde as pessoas que fazem a academia existir e ser o que é, possam realizar buscas, pesquisas, constatações, aproximações, enfim, tudo aquilo que as permita construir o preceito básico, ou ao menos o que deveria ser, de toda sociedade moderna: a construção da consciência crítica.

Deste modo, “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” apresenta uma teoria bem fundamentada acerca de resultados alcançados no processo de pesquisa por pessoas docentes e acadêmicas, que desenvolveram seus trabalhos a fim de contribuir com o avanço das ciências e os quais serão aqui apresentados. Sabemos da importância, cada vez mais urgente, de se valorizar a atividade científica e, por tal razão, é que também destacamos o valoroso da Atena Editora que, por meio de seu renome no campo editorial, é capaz de oferecer uma plataforma consolidada, a fim de que essas pessoas possam expor e divulgar seus trabalhos, conquistando seu merecido reconhecimento.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

SAPATEIRO PERDE PARA A SAPATÃO”: REPRESENTAÇÕES E RESISTÊNCIAS NA IMPRENSA PARAENSE (1980-1990)

Júlio Ferro Silva da Cunha Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225031>

CAPÍTULO 2..... 10

A FIGURA FEMININA NAS PRIMEIRAS RODAS DE SAMBA: UMA PESQUISA SOBRE OS ESTUDOS PRODUZIDOS SOBRE O SAMBA NO SÉCULO XX

Ana Vitória Campos Pompeu e Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225032>

CAPÍTULO 3..... 19

OLHARES PARA O OPRIMIDO: VARIAÇÕES DA PINTURA SOCIAL MODERNA NO BRASIL

Luciana de Fátima Marinho Evangelista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225033>

CAPÍTULO 4..... 29

O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO DA ARTE PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL

Ismeinem Vieira de Faria Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225034>

CAPÍTULO 5..... 43

CONTRUÇÕES HUMANAS: COMPREENDENDO OS CONCEITOS DE RELIGIÃO E CULTURA NAS PROSPECTIVAS DAS INTOLERANCIAS PERPETUADAS EM FACE DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRO-BRASILEIRAS

Elisaura de Fátima Martins Carrijo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225035>

CAPÍTULO 6..... 53

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E SUPERAÇÃO DO RACISMO

Sebastião de Assis Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225036>

CAPÍTULO 7..... 65

HETEROGESTÃO E AUTOGESTÃO: UM ESTUDO SOBRE OS PROJETOS SOCIOEDUCACIONAIS DE ALIENAÇÃO *VERSUS* EMANCIPAÇÃO - UMA ÓTICA ANARQUISTA

Luana Aparecida Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225037>

CAPÍTULO 8	78
O MATRIMÔNIO NO <i>FUERO REAL</i> DE ALFONSO X, O SÁBIO	
Eliezer dos Santos	
Jaime Estevão dos Reis	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225038	
CAPÍTULO 9	90
POR UMA VIDA DEVOTA: <i>FILOTEIA</i> (1609), DE SÃO FRANCISCO DE SALES, NO CONTEXTO DA REFORMA CATÓLICA	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225039	
CAPÍTULO 10	100
A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA DE 1911	
Sofia Vicente Vagarinho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250310	
CAPÍTULO 11	110
A GUERRA FRIA E OS MOVIMENTOS CIVIS: O MACARTHISMO E O MEDO COMUNISTA	
Augusto Machado Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250311	
SOBRE O ORGANIZADOR	121
ÍNDICE REMISSIVO	122

CAPÍTULO 5

CONSTRUÇÕES HUMANAS: COMPREENDENDO OS CONCEITOS DE RELIGIÃO E CULTURA NAS PROSPECTIVAS DAS INTOLERÂNCIAS PERPETUADAS EM FACE DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRO-BRASILEIRAS

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 16/02/2022

Elisaura de Fátima Martins Carrijo

Mestranda em História - Universidade Estadual de Goiás - UEG
Morrinhos – Goiás
<http://lattes.cnpq.br/2520407556763961>

RESUMO: A religião encontra-se presente na história da humanidade, desde as origens remotas das sociedades. Em forma da magia praticada pelos povos antigos, ou em formato moderno de seitas, misticismos e nova era. Fato é que a incógnita continua pairando sobre sua definição. Não distante também se busca a compreensão do conceito de Cultura. Religião e Cultura são conceitos que se confundem para alguns, porém, se distinguem nas concepções traçadas por várias ciências que os interpretam. O presente trabalho apresenta a compreensão dos conceitos de religião e cultura no contexto do estudo das intolerâncias religiosas praticadas em face das religiões de matrizes afro-brasileiras através de uma análise dedutiva bibliográfica. Conclui-se pela aplicação a pesquisa do conceito de religião de Hanegraaff que firma-se em divisão tríplice de religião, religiões e espiritualidades. Bem como no conceito de cultura de Geertz, que delinea a cultura na simbologia, na historicidade e na transmissibilidade de memórias herdadas em determinado grupo. Assim, as intolerâncias religiosas no Brasil com ênfase as religiões afro-

brasileiras se constituem intrínsecas a própria estruturação social, emolduradas no Brasil a partir da colonização, com as repressões advindas em decorrência da escravatura e do olhar preconceituoso eurocêntrico, que desde os primórdios firmaram-se na sobreposição de uma religião em detrimento de outra, e tais concepções ainda permanecem impregnadas na realidade cultural contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; cultura; intolerâncias; afro-brasileiras.

HUMAN CONSTRUCTIONS: UNDERSTANDING THE CONCEPTS OF RELIGION AND CULTURE IN THE PROSPECTS OF INTOLERANCE PERPETUATED IN THE FACE OF RELIGIONS OF AFRO-BRAZILIAN MATRICES

ABSTRACT: Religion is present in the history of humanity, since the remote origins of societies. In the form of magic practiced by ancient peoples, or in the modern format of sects, mysticism and new age. The fact is that the unknown continues to hover over its definition. Not far away, the understanding of the concept of Culture is also sought. Religion and Culture are concepts that are confused for some, however, they are distinguished in the conceptions traced by several sciences that interpret them. The present work presents the understanding of the concepts of religion and culture in the context of the study of religious intolerance practiced in the face of Afro-Brazilian religions through a deductive bibliographic analysis. It is concluded by applying the research of Hanegraaff's concept of religion,

which is based on a triple division of religion, religions and spiritualities. As well as in Geertz's concept of culture, which delineates culture in the symbology, historicity and transmissibility of memories inherited in a given group. Thus, religious intolerance in Brazil, with emphasis on Afro-Brazilian religions, is intrinsic to the social structure itself, framed in Brazil from colonization, with the repressions arising as a result of slavery and the Eurocentric prejudiced view, which since the beginnings have established themselves if in the superposition of one religion to the detriment of another, and such conceptions still remain impregnated in the contemporary cultural reality.

KEYWORDS: Religion; culture; intolerances; afro-brazilian.

1 | INTRODUÇÃO

Conforme dispõe a doutrina cristã, todo ser humano tem um vazio exatamente do tamanho de Deus. Em um posicionamento mais neutro, diria que cada ser humano tende ao vazio existencial, o qual procura preencher-se de alguma forma, e neste intento caminha em diversas direções. Tais preceitos remontam às civilizações mais antigas. Nos primórdios a história nos demonstra que as sociedades sempre estiveram edificadas ao redor de pensamentos religiosos. Mauss nos traz (2003, p. 47), o pensamento mágico esteve por muitos séculos na formatação do mundo, e de sua ruptura ocasionada de seus erros e fracassos, deu-se então lugar a segunda etapa, a religião. Neste sentido temos que a religião é uma construção social, e enquanto expressão coletiva agrega fenômenos que falam da realidade social de determinada sociedade, relativos a determinado tempo (DURKHEIM, 2009, p.32).

Mas como definir o que é religião? Verifica-se que, as pessoas, por diversas vezes, confundem ou tornam os conceitos de religião e cultura adstritos em um mesmo conjunto. Apesar de possuir relações intrínsecas, não se tornam único. Razão pela qual, em primeiro momento serão traçados os referidos conceitos de forma distinta, o que permitirá analisar suas aproximações, buscando compreender se a cultura encontra-se originada na religião, ou se a religião encontra-se contida na cultura. Neste intento, o presente trabalho visa trazer os conceitos de religião e cultura, inter-relacionando-os e vislumbrando suas aplicabilidades e quais conceitos serão adotados no estudo das intolerâncias religiosas em face das religiões afro-brasileiras. Verifica-se que as religiões afro-brasileiras originaram-se de uma estrutura cultural extremamente diversa da cultura cristã à qual sempre foi dominante no Brasil, desde o período colonial. A proposta, portanto, busca avaliar o pano de fundo em que as intolerâncias religiosas direcionadas às religiões de matrizes afro-brasileiras se desenvolveram e qual o lugar em que se encontram na realidade social contemporânea. Para isso, serão trabalhadas as bibliografias clássicas e recentes para, através de uma abordagem qualitativa, construir um estudo analítico e dedutivo voltado à compreensão dos conceitos referendados no bojo do fenômeno das intolerâncias religiosas e como estes se relacionam na contemporaneidade, com os diversos ataques as religiões afro-brasileiras.

21 CONCEITO DE RELIGIÃO E CONCEITO DE CULTURA E SUAS INTER-RELAÇÕES

Certamente não é tarefa fácil, traçar o conceito de religião. Na visão comum, religião seria a forma de chegar ao sagrado, de relacionar-se com o transcendente. Algo relativo ao espiritual, ao mágico, uma escada que encaminharia o homem ao seu deus, uma forma de materialização de sua fé, àquilo que torna o ser humano sensível e o compraz em alma. Visão trazida das raízes da sociedade ocidental, onde a religião sempre esteve ligada ao *numinoso*¹. A religião segue marcada pela intrínseca capacidade do ser humano que simboliza e cria coisas sagradas. Porém, as ciências trazem construções mais complexas sobre o que seria religião. Observa-se que no campo das ciências humanas, seja da filosofia, da história, das ciências da religião, da antropologia, os conceitos são construídos conforme o olhar de cada autor, sofrendo também influências do momento histórico no qual é proposto. Diante disto, quanto ao conceito de religião, vários autores cuidaram por abordar a temática. Em um contexto sociológico Peter Berger (1985, p. 38) define:

A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetivos e experiência.

Berger emerge o entendimento da religião observada como um fenômeno empírico, enquanto empreendimento humano. Segue os caminhos levantados pelo sociólogo Émile Durkheim, o qual concebe religião como “[...] um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem” (2009, p. 32). Assim, a religião apresenta-se como um fato social, para o qual não cabe provar se determinada religião é falsa ou verdadeira. Extraíndo-se do conceito proposto por Berger à projeção do cosmos, do sagrado e da cosmificação advindos das concepções atribuídas a Mircea Eliade, em sua obra *O Sagrado e o Profano* (1992), onde o mesmo firmando que o homem religioso tem necessidade de construir ritualmente um espaço sagrado apresenta que o cosmos nas sociedades tradicionais é o mundo em que se habita, o território, o espaço sagrado revelado; trazendo também a noção da cosmogonia que é a ação de criar, implantar o cosmos, o espaço sagrado. Já a definição do sagrado, apontada no conceito em análise, vem da obra *O Sagrado*, de Rudolf Otto (2007), onde se observa que o sagrado tem uma qualidade de poder misterioso e temeroso, salientando-se que está ideia é mais bem compreendida ao analisar o termo *numinoso* proposto por Otto em sua obra.

1 O termo foi firmado por OTTO (2007, p. 38) e tem sua origem no termo latino *numen*, que significa deus ou divino. Categoria numinosa de interpretação e valoração bem como a um estado psíquico numinoso que sempre ocorre quando aquela é aplicada, ou seja, onde se julga tratar-se de objeto numinoso. Otto propõe que única forma de se compreender o irracional no sagrado é ter tido uma experiência pessoal com o sagrado.

Verifica-se que o conceito de religião abrange vários pontos de relevância que devem ser averiguados para sua adequada construção. A religião engloba crenças, símbolos, ritos, mitos, o que Croato (2001, p.10, 209) identifica como as linguagens da experiência do sagrado, onde o mesmo destaca o símbolo como a linguagem mais densa e também constitutivo de outras linguagens, acompanhado do rito e do mito. No rito convergem-se o espaço e o tempo sagrado produzindo impacto para a recitação do mito, o qual se trata para o autor de um relato originário onde os deuses agem com a finalidade de dar sentido a uma realidade significativa.

Realizando uma análise a diversos conceitos emoldurados sobre religião, Hanegraaff (2007, p. 239) propõe uma definição tríplice para sanar faltas averiguadas, e trazer uma definição geral e inclusiva. Define religião, entendendo ser necessário definir a pluralidade religiões, ou o singular uma religião, bem como uma terceira categoria espiritualidades, ou no singular espiritualidade.

Religião é qualquer sistema simbólico que influencie as ações humanas, fornecendo possibilidades para manter contato ritualisticamente entre o mundo cotidiano e um quadro meta empírico mais geral de significados.

Uma religião é um sistema simbólico, incorporado em uma instituição social, que influencie as ações humanas, oferecendo possibilidades para manter contato ritualisticamente entre o mundo cotidiano e um quadro metaempírico mais geral de significados.

Uma espiritualidade é qualquer prática humana que mantenha o contato entre o mundo cotidiano e um quadro metaempírico mais geral de significados por meio da manipulação individual dos sistemas simbólicos.

O autor busca então trazer um conceito operacional de religião, mesmo sem o detalhamento do estudo histórico. Considerando que, a religião enquanto sistema não pode ser comprovado empiricamente, apresenta dentro da história das religiões o presente desafio. O que se identifica com a proposta da Escola Italiana das Religiões², a qual tiraria a religião do singular, passando a projetá-la e estudá-la no plural, religiões. Tem-se então a revisão do conceito de religião, que partiu do momento em que se conheceu o farto material em termos etnográficos da diversidade de culturas. A proposta da Escola Italiana faria com que a categoria do religioso se tornasse um elemento analítico arbitrário em oposição ao cívico como é na cultura ocidental. Diante disto, cabe considerar que o conceito de religião é concebido no ocidente, o qual idealiza a civilização e a religião como construção cultural (SILVA, 2011, p. 230). Por sua vez a Escola Italiana, pesquisando o que a cultura ocidental entende como religião, alvitra um conceito funcional que abarca outras culturas, contido na percepção arrazoada por Hanegraaff.

² Em 1925, com a Revista *Studi e Materiali di Storia delle Religioni* (SMSR), nasce na Itália, através da obra de Raffaello Pettazzoni, o endereço de estudos histórico-religiosos. Através da comparação que produziu os estudos antropológico-etnológico, este endereço de estudos se propõe ressaltar a historicidade dos fatos religiosos, isto é, “des-ontologizá-los”, tanto a partir do pressuposto fundamental de sua possível e necessária redução à razão histórica, quanto pela necessidade de acolher e definir, nesta perspectiva, aqueles fatos que não resultassem redutíveis aos modelos analógicos (isto é, constituídos ao redor de denominadores comuns) sugeridos pela pesquisa comparada (AGNOLIM, 2008, p. 21).

Adentrando a explanação sobre o conceito de cultura, tem-se que este é amplo, atingindo várias áreas, a pluralidade de ideias que dela surgem, bem como as teorias que fundamentam nunca foi objeto de consenso dentro da antropologia. A antropologia procura perceber a religião como um fenômeno cultural. Lembrando que, no ocidente o termo cultura possui uma aura religiosa. Assim o antropólogo norte-americano Geertz (2008, p. 67) conceitua a religião como

(1) um sistema de símbolos³ que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrante, e duradoras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

O autor emoldura também o conceito de cultura:

Um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 2008, p. 103).

Ao avaliar estes conceitos, tem-se que o autor, ao longo de sua obra, a *Interpretação das Culturas*, traz que a interpretação da cultura deve ser realizada pela antropologia através de uma descrição densa, entende que para avaliar uma cultura, o processo seria como da análise de um texto, assim cada cultura estaria inserida em sua estrutura e deveria ser hermeneuticamente compreendida; entendida pelo autor como uma produção própria e assim deveria ser analisada. Destaca-se do conceito analisado, a teia simbólica da cultura, dentro da qual se encontra contida a religião.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (GEERTZ, 2008, p. 4).

Enfatiza-se que a cultura está condiciona à visão do mundo ao homem. Este, enquanto ser simbólico criador de teias que agregam várias tramas, redes e sistemas de regras de relações, de códigos de conduta, de gramáticas de relacionamentos, assim como de contos, cantos, mitos, poemas, ideias, ideologias, visões de mundo, religiões, participa individualmente da construção estrutural social, apresentando-se de formas diferentes, conduzidos conforme cada cultura. Brandão (2009, p. 8) preleciona que:

³ Geertz (2008, p. 67) aduz que a palavra símbolo tem sido utilizada de forma ampla. Adotando para a abordagem a concepção de que ele é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve com o vínculo a uma concepção, que é o próprio significado do símbolo.

A cultura é e está, portanto, nos atos e nos fatos através dos quais nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano, assim como nos gestos e nos feitos com que nos criamos a nós próprios ao passarmos de organismos biológicos a sujeitos sociais, ao criarmos socialmente nossos próprios mundos e ao dotá-los e a nós próprios – nossos diversos seres, nossas múltiplas vidas e nossos infinitos destinos – de algum sentido.

Assim, identificam-se a religião e a cultura, ambos como sistemas simbólicos, criados pelo ser humano, no mesmo patamar que a linguagem. De forma, que como esta não é universal, e se diversifica em diferentes contextos, da mesma forma a religião e a cultura, se amoldam conforme as implicações de seu contexto social e temporal. O conceito de religião é edificado conforme o conceito de cultura vivenciado em cada sociedade. Assim se justificam as diversas religiões, as quais derivam de inúmeras culturas existentes no mundo, coadunando no pluralismo religioso⁴, o qual encontra estreito contato com o multiculturalismo. Da mesma forma, visualizam-se as inter-relações de intensa proximidade, entre a cultura e a religião.

Diante das conceituações esplanadas, conclui-se pela aplicabilidade ao presente trabalho do conceito de religião tríplice emoldurado por Hanegraaff e do conceito de cultura elucidado por Geertz. Tais conceitos tornam-se funcionais à proposta, uma vez que o conceito de religião abordado estende-se à percepção da religião no plural, bem como agrega a concepção de uma espiritualidade, de forma que o conceito abrange de forma clara e adequada a perspectiva traçada para a pesquisa das intolerâncias religiosas em face das religiões afro-brasileiras, diante da projeção de que nenhuma religião é verdadeira, no entanto, todas têm padrões fundamentados na igualdade de direitos. Enfoque-se o entendimento de Silva (2011, p.225) que diz que o termo religião, com frequência utilizado no singular, apresenta-se quase como sinônimo de cristianismo. “Sua generalização como à religião foi geradora de códigos culturais das relações entre os homens e a (as) divindade(s), como ordenadora hierárquica entre os homens, a vida social e política, a natureza”. Ressalta-se que o conceito de cultura adotado também se faz funcional, uma vez que identificam as construções simbólicas de cada sociedade, oriundas da historicidade e das heranças comunicadas e vinculadas nas memórias de cada grupo. Assim, tais conceitos se farão eficazes na elucidação da abordagem que segue.

3 | VISUALIZANDO OS CONCEITOS DE RELIGIÃO E CULTURA NA ANÁLISE DAS INTOLERÂNCIAS RELIGIOSAS EM FACE DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Para abordar as intolerâncias religiosas, é imprescindível o conceito de religião. Do

⁴ Pollack (2017, p. 218) diz que segundo Berger a modernidade produziu dois tipos de pluralismo: por um lado, o pluralismo religioso, consistindo de uma diversidade de tradições religiosas diferentes; e, por outro lado, um pluralismo de discursos religiosos e seculares.

contexto histórico as intolerâncias religiosas emanam de confrontos que remontam aos primórdios das civilizações. No Brasil, tem-se que a cultura africana com seus símbolos, história e heranças foi trazida com os negros, no processo de colonização. Trouxeram consigo também suas religiões, fundadas em símbolos, ritos, mitos, desde então, já se verifica perpetuadas intolerâncias religiosas, exteriorizadas no cerceamento da liberdade religiosa, e nas repressões e discriminações que se davam as religiões dos negros e seus atributos, bem como aos próprios.

Sobre este aspecto Prandi (1998, p. 151-152) preleciona que:

A história das religiões afro-brasileiras pode ser dividida em três momentos: primeiro, o da sincretização com o catolicismo, durante a formação das modalidades tradicionais conhecidas como candomblé, xangô, tambor de mina e batuque; segundo, o do branqueamento, na formação da umbanda nos anos 20 e 30; terceiro, da africanização, na transformação do candomblé em religião universal, isto é, aberta a todos, sem barreiras de cor ou origem racial, africanização que implica negação do sincretismo, a partir dos anos 60.

Até os anos 1930, as religiões negras poderiam ser incluídas na categoria das religiões étnicas ou de preservação de patrimônios culturais dos antigos escravos negros e seus descendentes, enfim, religiões que mantinham vivas tradições de origem africana.

O Brasil, enquanto colônia refletia os padrões políticos, sociais e jurídicos de seus colonizadores, perpetuando-se durante séculos a dominação conjunta de Portugal e da Igreja Católica, até a secularização da Igreja – Estado em 1890⁵. Assim a história demonstra que as lutas pela liberdade religiosa, bem como o alcance da laicidade foram alçados de forma lenta. Sendo que o contexto deste período para religiões de matrizes africanas foi de sofrimento, limitações e proibições em seus direitos relativos à liberdade de crença e culto. Prandi (1998, p. 157) entende, “assim, até o final dos anos 50, a história das religiões afro-brasileiras é uma história de apagamento de características de origem africana e sistemático ajustamento à cultura nacional de preponderância europeia, que é branca”.

O conceito de intolerância religiosa teve suas origens nas batalhas pela tolerância ocorridas na Europa, advindas de inúmeros impasses travados entre o Cristianismo ao longo dos séculos. Na modernidade o conceito encontra-se delineado no ordenamento jurídico nacional e em tratados internacionais, dos quais destaco o conceito contido na Declaração Sobre a Eliminação de todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções, datada de 1981⁶ que dispõe:

Artigo II

§2. Aos efeitos da presente declaração, entende-se por **“intolerância e discriminação baseadas na religião ou nas convicções”** toda a distinção,

5 Ressalte-se que uma separação entre o Estado e a Igreja por meio do Decreto 119-A, de 17 de janeiro de 1890 já havia ocorrido durante o governo republicano provisório, seguindo como norte para as formulações na primeira Constituição republicana em 1891 na qual o Estado tornou-se laico (BARBOSA *apud* REIMER, 2013, p. 56).

6 Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a 25 de novembro de 1981 - Resolução 36/55.

exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções e cujo fim ou efeito seja a abolição ou o fim do reconhecimento, o gozo e o exercício em igualdade dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. (Grifei).

Portanto, verifica-se que as intolerâncias são quaisquer atos de distinção, exclusão, restrição ou preferência fundados na religião. Ocorre que tais intolerâncias religiosas têm sido crescentes no Brasil. A cada ano aumenta o número das violências estruturadas pelo discurso de ódio, de integrantes de religiões fundamentalistas. As práticas intolerantes integradas por vezes no proselitismo de doutrinas cristãs, sobretudo dos Neopentecostais, as quais se julgam como religião verdadeira. Através da mídia televisiva e internet, bem como em publicações de jornais e revistas. As intolerâncias são praticadas desde simples palavras, até a prática de xingamentos, violências *in loco*, ataque aos símbolos da herança africana no Brasil, mesmo que não sejam exatamente religiosos, mas de alguma forma aludam às religiões afro-brasileiras, mesmo que de cunho cultural; bem como na desqualificação dos símbolos e a sua incorporação nas práticas evangélicas, porém dissociando-os de sua relação com as religiões afro-brasileiras, tais como a capoeira de Cristo, evangélica ou gospel, em cujas letras não há referências aos orixás ou aos santos católicos; ou nas apropriações do acarajé do Senhor feito por mulheres evangélicas dissociando das religiões afro-brasileiras (Silva, 2007, p. 216).

Percebe-se que a cultura brasileira ainda tem resquícios da colonização. Formou-se em meio ao sincretismo religioso⁷, entretanto, permanecem em suas estruturas as conotações de valores éticos e morais deturpados. Em padrões culturais diria que o *ethos*⁸ no Brasil não possui o sentido apropriado, não fundamenta a conscientização de igualdade de direitos e da projeção da tolerância entre as religiões e, muito menos emoldura uma concepção de qualidades morais entre sua cultura. Razões que demonstram a relevância do conceito de cultura para o estudo das questões levantadas. Saber sobre quais teias simbólicas, históricas e quais as heranças consagradas no contexto da sociedade se faz de grande valia para compreender o fenômeno das intolerâncias religiosas como fator cultural.

Para assegurar a liberdade religiosa e combater as intolerâncias, a Constituição Federal de 1988 trouxe a liberdade religiosa como direito e garantia fundamental, previsto em seu artigo 5º, VIº. Bem como prevê na legislação esparsa normas que constroem um sistema legal de aparato aos intolerados, com conteúdo protetivo e repressor. A questão abordada, porém, é fruto de padronização social, o que faz com que o problema não se resolva simplesmente com a intervenção jurídica, é preciso que sejam traçadas políticas públicas que visem conscientizar e rever os valores culturais da sociedade. Cultura

7 "Desde o seu início, as religiões afro-brasileiras formaram-se em sincretismo com o catolicismo e em grau menor com religiões indígenas. O culto católico aos santos, de um catolicismo popular de molde politeísta, ajustou-se como uma luva ao culto dos panteões africanos" (PRANDI, 1998, p. 153).

8 "O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete" (GEERTZ, 2008, p. 93).

9 "É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias" (CF/1988).

e religião são norteadas por diversidades e pluralismo, neste sentido, no campo dos fundamentalismos, as razões se perdem quando uma cultura tenta impor à outra suas concepções, sejam religiosas ou não.

4 | CONCLUSÃO

Os conceitos de religião e cultura são intensamente vastos. Para compreender suas amplitudes é preciso conhecer as diversificadas conotações elencadas por diferentes campos de estudo e pela diversidade de autores que os compõem. Conforme o tempo e olhar, religião e cultura são enxergados de várias formas diferentes, e conter diferentes características. Desta forma, conclui-se pela interligação entre os conceitos de religião e cultura. Verifica-se que, em algumas culturas a religião se apresenta como projetor de regras, condutas e até mesmo valores. Em outras culturas, a religião é agregada às construções culturais da sociedade, de forma que às vezes até mesmo se adequam aos padrões traçados, sejam por usos e costumes, sejam por normatizações legais.

Dos conceitos analisados, fixou-se para o presente trabalho o conceito de religião proposto por Hanegraaff, o qual destrincha o conceito em três concepções, de religião, uma religião, e uma espiritualidade. E na projeção do autor, complementando pela Escola Italiana das Religiões, de entender a religião como plural, abrangeu a necessidade culminada no presente trabalho, que entende as religiões afro-brasileiras como uma religião, dentre tantas, existentes no bojo do pluralismo religioso brasileiro, não havendo que se interligar o conceito de religião exclusivamente ao cristianismo, apesar de tal percepção ocidental. Quanto ao conceito de cultura, vislumbrou-se que o conceito construído por Geertz, projeta-se na inclusão do objeto trabalhado, posto que, distingue a cultura enquanto um sistema simbólico de construção social, que carrega valores morais contidos em seu *ethos*, construindo-se da historicidade e da herança das memórias herdadas em cada sociedade.

Conclui-se que as intolerâncias religiosas no Brasil, em face das religiões afro-brasileiras, se apresentam como fruto de um passado escravista, de dominações do cristianismo e dos resquícios culturais deixados. Traços de desavenças religiosas, refletidas das perseguições históricas, aos quais ainda se refletem na cultura de classes dominantes, e minorias dominadas. O Brasil possui legislações eficazes e vigentes que abordam as intolerâncias religiosas, seja em caráter preventivo para funcionar como conscientização com a promoção de políticas públicas, seja de caráter repressivo através de processos e da aplicação da justiça. Contudo, impõe-se que o problema, encontra-se intrínseco na sociedade, o problema é cultural. Razão pela qual, medidas educacionais precisam ser colocadas em prática, promovendo debates inclusivos. Ao contrário da realidade fática, onde a promoção política expropria a neutralidade do Estado, na figura do próprio Poder Executivo. E ao invés de projetar a pacificação social e religiosa, acaba por disseminar animosidades e um discurso de ódio que acaba por incentivar a prática de intolerâncias.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. **Múltiplos Altares da Modernidade**. Rumo a um paradigma da religião em uma época pluralista. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

_____. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRANDÃO, Carlos. (2009). Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos De Pesquisa**, v. 39, n. 138, set./dez. 2009. Disponível em <https://url.gratis/IJU16k>. Acesso em 27 de jul. 2021.

CROATO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução a fenomenologia da religião. Tradução: Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HANEGRAFF, Wouter J. Definindo religião, apesar da história. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 202–247, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2017v14n1.37583. Disponível em: <HTTPS://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/37583>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MIRCEA, Eliade. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução: Walter O. Schlupp. Petrópolis: Vozes, 2007.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, 1998.

REIMER, Haroldo. **A liberdade religiosa na história e nas constituições do Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

SILVA, E. M. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. **Revista de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.br/RCH/article/view/3474>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. **MANA** 13(1): 207-236, Rio de Janeiro, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afro-brasileiro 12

Anarquismo 65, 66, 70, 71, 72, 75, 76, 77

Arte 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 75

Autogestão 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

C

Casamento 5, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89

Colonização 43, 49, 50, 84

Comunismo 111, 114, 116, 117, 118

Constituição 14, 17, 49, 50, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 117

Cultura 1, 10, 12, 14, 18, 21, 22, 24, 28, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 70, 105

D

Direitos civis 110, 111, 113, 116, 117, 119

Ditadura militar 1, 104

Diversidade cultural 29, 30, 31, 34, 37, 39, 40, 41, 54, 62

E

Educação 21, 29, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 104, 105, 112, 117, 118, 121

Ensino 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 78, 89, 101, 104, 105, 116, 117, 121

Escravidão 11, 43

Espaços 1, 13, 14, 17, 41, 56, 104, 112, 113, 117, 118

Expressão de gênero 2

F

Família 7, 8, 13, 23, 56, 62, 63, 67, 78, 79, 83, 100, 104, 105

G

Gênero 2, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 41, 121

Governo 13, 21, 49, 70, 74, 76, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 113, 117

Governo provisório 100, 102, 103

H

Heterogestão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75

História 1, 1, 7, 9, 10, 12, 17, 18, 21, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 78, 79, 80, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 106, 107, 108, 110, 111, 119, 120

Humanidade 8, 35, 43

I

Idade média 78, 79, 80, 85, 87, 88, 89

Igreja 26, 45, 49, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 93, 94, 97, 101, 104, 105

Imprensa 1, 2, 14, 108

Integração 21, 110, 111

Intolerância 49, 93, 99

L

Lugar 11, 12, 17, 26, 28, 33, 37, 44, 60, 70, 80, 83, 94, 105

M

Macarthismo 110, 111, 113, 114, 115, 118, 119

Micro história 1

Movimentos civis 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119

Mulher 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 62, 79, 83, 85, 86, 87

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 31, 50, 54, 70, 81, 85

N

Normatização 78, 85, 89

P

Poder 1, 3, 13, 33, 45, 51, 68, 69, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 84, 86, 88, 89, 93, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 114, 121

Política 1, 2, 5, 19, 20, 21, 22, 28, 48, 51, 66, 68, 74, 76, 80, 100, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 117

Protagonismo 26, 53, 54, 63

R

Racismo 53, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 99

Relações étnico-raciais 53, 54, 57

Religiões 13, 39, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Religiões afro-brasileiras 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52

Representações sociais 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42

República 21, 88, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

S

Samba 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 25

Sociedade 1, 14, 15, 16, 21, 22, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 44, 45, 48, 50, 51, 55, 56, 59, 66, 67, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 105, 111, 113, 116, 117, 118

Supremacia branca 110

T

Teoria queer 1, 8

Territórios 20, 83, 101, 116

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 @arenaeditora
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2022

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 @arenaeditora
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br


Ano 2022